



Carlos Fiolhais
prof. universitário UC; cfio@uc.pt

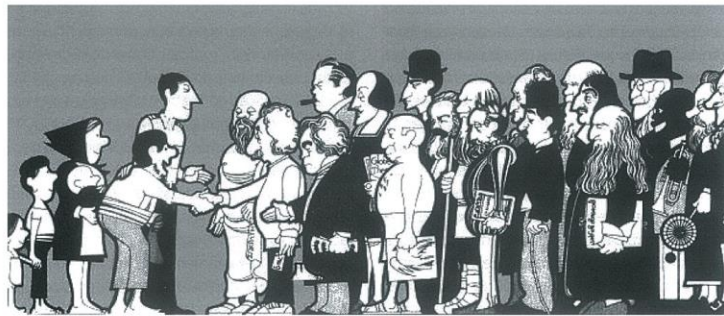
Abril na Ciência

A pergunta celebrizada pelo escritor Baptista Bastos "onde estava no dia 25 de Abril de 1974?", passam agora 45 anos, eu respondo que estava numa aula do Departamento de Matemática da Universidade de Coimbra, muito perto da sala (hoje chamada "17 de Abril") onde cinco anos antes tinha começado a crise académica de 1969. Frequentava então o 1.º ano do curso de Física e o meu curso seria contemporâneo dos tempos, por vezes conturbados que se seguiram. Não se pode dizer que o curso tenha sido prejudicado, pois éramos muito poucos (apenas quatro no fim) e o entendimento com os professores era bastante bom. Depois passei um período de três anos e meio em doutoramento na Universidade Goethe na Alemanha, para regressar a Coimbra no Natal de 1982. Em 12 de Junho de 1985, curiosamente no dia dos meus anos, era assinado no Mosteiro dos Jerónimos o acordo de adesão de Portugal à então Comunidade Económica Europeia, que teve efeitos a partir do ano seguinte. De então para cá, Portugal tem sido um país integrado na União Europeia, parte de uma comunidade de países que, no meio de vicissitudes várias (o Brexit é uma das maiores), tem um projecto comum de paz, democracia e prosperidade.

A ciência faz parte desse projecto. Primeiro sem o 25 de Abril de 1974 e depois sem o 12 de Junho de 1985 não teríamos tido o enorme crescimento do sistema científico e tecnológico que de facto tivemos. Em primeiro lugar, a ciência era incipiente antes de existir democracia entre nós, pela simples razão de a ciência precisar da liberdade para florescer. Em segundo lugar, sem os fundos que vieram da Europa, designadamente para o reforço da qualificação aos níveis mais elevados, não teria sido possível criar massa crítica humana para haver ciência.

Uma boa imagem do afastamento da ciência dos portugueses é dada pelo cartoon de João Abel Manta dos tempos da Revolução de Abril que mostra um oficial do MFA a apresentar ao Zé Povinho e à sua família um grande cortejo de famosos sábios e grandes personagens do mundo da cultura, com o Einstein à frente. A metáfora é boa: o Zé Povinho não conhecia o Einstein nem o resto da comitiva. "Muito prazer em conhecer vosselências," diz a legenda.

Mas se uma imagem em certos casos vale mais do que mil palavras, os números também têm um indiscutível valor. Vejamos alguns. Reportamo-nos aos dados estatísticos que constam da PORDATA. Em 1986 o nosso país gastava em ciência e tecnologia (as duas são indissociáveis) jun-



tando sector público e o privado 0,35% do PIB, em 2017 foi 1,33%, cerca de quatro vezes mais, devendo acrescentar-se que o PIB subiu cerca de sete vezes (nos últimos tempos a subida não tem sido grande coisa). O que se fez com esse dinheiro? Um dos resultados mais importantes foi a formação avançada: em 1986 doutoraram-se no país e no estrangeiro 216 pessoas, mas em 2015 já foram 2969 pessoas, cerca de 14 vezes mais. Existem cerca de 30.000 doutores em Portugal (não é muito: não somos, ao contrário do que se diz, um país de doutores, mas é interessante que esse número esteja a crescer 10% ao ano). E esses novos investigadores, juntando-se a outros mais velhos, produziram novo conhecimento, traduzido em publicações científicas. Em 1986 saíram 664 artigos da autoria ou coautoria de portugueses, com endereço em Portugal, ao passo que em 2015 já foram 21.333, isto é 32 vezes mais. Portanto investiu-se claramente mais em ciência e a produção científica acompanhou o investimento. Plantou-se a árvore, a árvore cresceu e estão a recolher-se os frutos. Um dos principais plantadores da árvore - é justo reconhecê-lo - foi o físico José Mariano Gago, que em 1995 foi o primeiro detentor da pasta da Ciência e Tecnologia, que além de ter aproveitado os fundos europeus para a ciência percebeu que a cultura científica era condição indispensável ao desenvolvimento da ciência entre nós.

Não quer este notável incremento dizer que estamos bem. Longe disso. Há carências gritantes, nomeadamente a ligação do conhecimento à economia (os doutorados não têm sido absorvidos por empresas e têm também problemas em arranjar lugares condignos no sector público), e a cultura científica da população continua a ser pouco mais do que precária, isto é, a ciência não está suficientemente viva na população (neste tempo em que se detectam ondas gravitacionais em que tiram fotografias de buracos negros, será

que o Zé Povinho conhece mesmo quem foi Einstein?). Tudo é relativo. Se a ciência abriu em Portugal após Abril e fizemos um caminho ascensionado de que nos podemos orgulhar, estamos ainda longe neste como noutros sectores dos lugares cimeiros da União Europeia a que pertencemos. A Europa gasta em média 2,1% do PIB em investigação e desenvolvimento e planeia agora para 2030 chegar à média de 3%, um número que já hoje alguns países europeus exibem, devendo notar-se que o PIB português está abaixo do da média europeia. O número de doutoramentos dividido pela população total está, apesar de crescente, infelizmente abaixo da média europeia. E o mesmo se passa com o número de publicações científicas. O que é preciso, portanto, fazer? Continuar, na ciência, Abril e Junho, isto é, assegurar os níveis de crescimento que foram conseguidos com o 25 de Abril de 1974 e o 12 de Junho de 1985. A interrupção do investimento na ciência que se deu com a intervenção da "troika" foi um desastre no meio de outros desastres. É nas alturas mais críticas que é preciso maior clarividência para pensar o futuro e, na altura, não houve essa iluminação. Hoje, passados os tempos mais difíceis do resgate, dificilmente poderemos dizer que há uma visão que atribua à ciência o devido lugar. O piedoso discurso governamental sobre a ciência - e, mais em geral, sobre a cultura é implacavelmente desmentido pelos factos. A ciência, que é um factor crucial do desenvolvimento do país, continua na prática a ser considerada como uma componente menor do projecto do país. Este ano vamos ter eleições europeias, regionais na Madeira e legislativas - é mais um ciclo da nossa democracia que se completa. É altura de reclamar para a ciência - e para a cultura - o lugar a que ela tem direito. Perguntemos aos candidatos que lugar vêem eles para a ciência. A verdade é que sem ciência não teremos futuro.